

Jefferson Ribeiro

**20 MINUTOS DA HORA
MARCADA**

Copyright © 2021 by Jefferson Ribeiro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Andréa Gasperazzo

Preparação

Samyr Abdo

Revisão

Júlio Cipriano da Silva Neto

20 minutos da hora marcada/ Jefferson Ribeiro. — 2ª- ed. — São Paulo / SP:

Produção Independente 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Jefferson Ribeiro

www.jeffersonvribeiro.weebly.com/

Dedico este livro, e, de certa forma, parte de seu pertencimento, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para sua materialização.

O Samyr Abdo com seus comentários de melhoria, a Amanda Taísa pelo apoio e parceria sempre constantes.

A Babi pela paciência em ler e comentar os textos enviados no ápice de minha empolgação. A Maria Fernanda Sollero pelo auxílio em algumas histórias, e a todas as pessoas que de alguma forma se fizeram presentes neste processo e por isso me motivaram a colocar estas palavras no papel.

PREFÁCIO

O mais difícil da vida é entender que a projeção de felicidade em algo ou alguém é a certeza do fracasso. Somos movidos por instantes felizes. Em como eles nos impactam e nos mudam. Sabe a velha história do rio de Heráclito? (O rio muda a cada segundo, do mesmo modo que a pessoa muda a cada segundo, sendo assim **uma mesma pessoa não pode entrar duas vezes no mesmo rio**, pois tanto ela quanto o rio já não são mais os mesmos no instante após o primeiro banho).

Pois então. Nunca é o rio, mas o banhar-se, o mutar-se que nos impacta, e só quando entendermos isso é que perceberemos que não era ele ou ela quem nos fazia feliz, mas sim poder viver aqueles bons momentos, e que bom que era ele ou era ela.

Me dá um medo ouvir aquela clássica frase: “Eu não sei o que seria da minha vida sem ela...”.

Seria a sua vida sem ela, com a dor do término ou da perda, a tristeza da falta e a superação de entender que um ciclo se foi e que tudo bem, as coisas não têm essa obrigação com o eterno, com o imutável.

Talvez precisemos de um certo grau de maturidade para entender isso, ou talvez a vida dê seu jeito de nos mostrar isso. E tudo bem também, seja feliz com seu processo.

E assim serão os textos deste livro, idas e vindas, algumas idas outras vindas... Histórias vividas no imaginário e passadas para o papel, outras presas ao papel, outras que quase não vieram para cá. Verdades, vontade de verdades, ou como diria Cazuza: mentiras sinceras. Caso se identifique com algumas não pense que é sobre você, pois talvez nem seja.

Afinal de contas o universo tem dessas, nos surpreende com encontros, acasos e descasos.

Não sinta que tudo aqui é amor, entenda que o cotidiano precisa de amor, mas também de dor, desencontros e perdas, pois reconstruir-se é tão importante quanto construir, e não por causa daquele papo de descobrir sua força.

É mais como se sentir vivo, independentemente de onde ou como, afinal de contas tudo bem chegar atrasado, desde que no seu tempo. 20 minutos da hora marcada? Tudo bem! Quem liga?

CARAS E BOCAS, OLHARES E TOQUES...

Ela que tem aquele gosto de sol da manhã de sábado, pele com cheiro de avelã e sorriso de Marcinha. Cheia de caras e bocas, olhares e toques que arrepiam qualquer mortal. Sabe aquele sorriso de canto de boca que irrita metade do escritório e adoça até Nescafé? É ela...

Com ela a esfirra da rua de cima com suco verde no domingo à noite tem gosto de Flamengo x Fluminense em final de campeonato no Maracanã.

O vinho em plena quarta feira é a garantia de debates filosóficos, discussões políticas, indicações literárias e não vamos esquecer as melhores músicas para a playlist de lavar a louça.

Com ela o bom dia só tem sentido com beijos da nuca até o dedão do pé. O café é garantia de duas piadas internas e três risos frouxos que acorda o seu Zé do 106 que tinha decidido dormir até as 11.

Impossível acordar às 3 da manhã do lado dela e não a abraçar na torcida que ela acorde para mais uma rodada de beijos e amassos. E se ela acordar meu amigo, se prepare, pois intensidade é seu nome do meio.

Quer saber quem é ela? Ela é um furacão, aquele “periguinho” que você aceita correr sem nem olhar para trás. Porque ninguém tem o direito de negar algo para aquele olhar enviesado e decidido que só não domina o mundo porque a única coisa que ela quer é dominar a si mesma.

SABE COMO É, SEMPRE BOM INOVAR!

Jean no auge de seus 29 anos, se é que cabe aqui tal clichê. Beirando os 30 já havia se acostumado com a solteirice. A vida parecia mais simples sozinho, com seus horários malucos de acordar às 4 da manhã. Estudar alemão, ler a coluna política, ouvir Podcasts de economia e jogar *Call of Duty* antes de tomar café e ir trabalhar.

Com algumas variações sua rotina era religiosamente essa, como tudo em sua vida. E isso era o que mais o agradava em seus últimos dois anos solteiro, após o término com Beatriz.

Jean que sempre foi *workaholic*, sentia-se mais produtivo com sua rotina. Geralmente saía com alguns amigos de infância e uns colegas de serviço, bebia umas ou todas, dependendo da *vibe* e do humor do dia. Ficava com algumas garotas e só. Não se permitia mais que isso, pois sentia-se pleno e produtivo em sua vida de *forever alone*. Fechava a porta e não permitia que mais ninguém entrasse.

Sávio, seu amigo de longa data, estava se formando em direito, e no sábado Jean iria a sua festa. Música alta regada a muito álcool e uma galera superanimada era a combinação perfeita para o sábado exaustivo de Jean. Ele e Sávio tinham muitos amigos em comum e curtiram bastante a noite. Jean conheceu Leticia que também era amiga de um dos formandos.

Após alguns drinks, um bom papo, e uns passos na pista de dança, eles acabaram dando uns amassos próximo a piscina na ala inferior, que era mais afastada de onde acontecia a comemoração. Mas acabou que não avançou mais que isso.

A festa varou a noite, e ainda de *virote* Jean foi curar a ressaca na padaria mais próxima.

Sentado na mesa embaixo do toldo, de óculos escuros com uma cerveja na mesa (para curar a ressaca nada melhor que rebater, essa sempre foi sua filosofia) uma xícara de café e um pão de queijo (o café da manhã ainda é a refeição mais importante do dia) lendo as notícias da manhã e pensando em chegar em casa e dormir o resto do dia.

Karen saía da padaria após seu costumeiro café da manhã na “*padoca*” da esquina, logo após sua caminhada típica das manhãs de domingo.

Achou inusitada a imagem de Jean sentado à mesa com uma xícara de café e uma lata de cerveja.

- Como é isso? Café com cerveja é uma novidade para mim! Disse Karen.

- Sabe como é, sempre bom inovar. Sente-se e experimente. A propósito, me chamo Jean.

- Olá Jean, sou a Karen.

Ainda meio que sem entender por que tinha puxado assunto com um desconhecido. Com o domingo livre resolveu se sentar e ver onde isso poderia dar.

Os ruivos cabelos de Karen escondiam um sorriso inebriante em sua simplicidade que o encantou. O papo foi de cerveja a viagens, passando por séries, filmes e experiências com maconha na adolescência. Por Jean ele poderia ficar ali toda a manhã, o sono e o cansaço remanescentes da noite anterior havia sumido, mas Karen disse precisar ir, e ele achou conveniente não insistir. Trocaram telefone e combinaram de continuar o papo em outra oportunidade. Jean dormiu o domingo todo e quando acordou, quase às 20:00, o som produzido pela risada de Karen reverberava em sua mente. Pensou em ligar, mas não queria se mostrar afoito e resolveu

mandar apenas uma mensagem de boa noite. Apagou antes mesmo da resposta.

Jean acordou na segunda como de costume para sua rotina de estudos, política, Podcasts e games antes do café da manhã. Passou o café, e foi tomar um banho. Quando estava terminando de se arrumar, pronto para sair, pegou as chaves do carro, o celular, e percebeu que havia uma mensagem de Karen: “Eiii, acho que o boa noite veio meio atrasado, mas sabe como é, sempre bom inovar! Bom dia”.

A mensagem de Karen foi capaz de arrancar um sorriso de Jean, novamente a lembrança do rosto e do sorriso de Karen vieram a sua mente, respondeu o bom dia com um *meme* e foi trabalhar.

O dia todo foram mensagens trocadas e espaçadas pela rotina do trabalho de ambos, leves alfinetadas e a sensação de que já se conheciam a mais tempo do que denunciavam as últimas 30 horas.

Ao fim do expediente, Jean convidou Karen para um *happy hour*. Em plena segunda? Perguntou ela.

Sabe como é, sempre bom inovar! Respondeu ele com a frase que já havia virado um mantra da interação entre eles.

Karen preferiu marcar um pouco mais tarde. Tinha academia depois do trabalho e queria chegar em casa, assistir uns *stand-up's* no *Youtube*, tomar um banho e se arrumar. Às 20:30, pode ser Jean? Prefiro às 21h, pois sou do contra, disse ele em tom jocoso. Ok, às 21h te mando o endereço pelo WhatsApp, até mais tarde. Beijijos.

Quase um britânico em sua pontualidade, lá estava Jean às 21h como acordado, mandou uma mensagem avisando de sua chegada. Esperou por não mais que cinco minutos até que Karen chegou à porta vestida com uma calça jeans de tom mais escuro e uma blusa preta levemente decotada, um look simples, mas nada simplório. Ela

se destacava pelos detalhes, mas seu sorriso ainda era seu maior adorno.

Foram à um pub da cidade, um local pequeno e aconchegante. Jazz ao fundo e um ambiente acolhedor eram a combinação perfeita. O papo fluía organicamente, permitindo assim que Jean descobrisse algumas importantes coisas em comum com Karen.

O gosto por rock, principalmente os clássicos como The Beatles, Queen e Chuck Berry. O vício por séries e vídeo games, eles haviam lido muitos livros em comum. Claro que tinham suas divergências, principalmente em política, ela era mais esquerdista e ele de direita, flertava com o pensamento liberal.

Apesar de ser um amante de política, neste contexto isso virava mero detalhe perante tantas coisas em comum e aquele lindo sorriso que o encantava.

As horas se passaram como que minutos. Eram quase 23h, saíram e no caminho até o carro Jean arriscou um beijo. Apesar de ter pego Karen de surpresa, ele foi correspondido. Não muito tempo após o beijo houve alguns eternos segundos de silêncio e sorrisos desconcertados, até que foram ao carro. No trajeto até a casa de Karen a conversa continuou naturalmente. Chegando se despediram com um breve beijo e um “boa noite”.

Continuaram a manter contato no decorrer da semana e voltaram a sair na sexta, foi quando Jean se deu conta de que estava se envolvendo mais do que o de costume com alguém.

Mas contraditoriamente isso não o incomodava, ele se deu conta que ficou tanto tempo na vida de solteiro irremediável por ter criado um conceito da *Great Woman*, mulher essa que não existe e nem precisa realmente existir. Uma mulher que tenha hábitos parecidos com os seus, os quais sejam suficientes para tornar tudo simples era o suficiente. Pelo menos por enquanto.

E sem rótulos ou expectativas ele seguia curtindo a companhia de Karen.

Era realmente muito bons os momentos que passavam juntos. Ter alguém que o acompanhasse nos shows de rock, discutir questões polêmicas como racismo ou religião fazia da companhia de Karen uma experiência única.

Jean que sempre teve sua rotina engessada passou a dedicar mais tempo de suas noites a Karen, desde sorveterias e açaí no meio da semana, a show de rock e um jantar no restaurante novo da cidade.

Domingo passado ele a chamou para almoçar em sua casa, onde fez uma macarronada. Foi no supermercado e comprou o vinho de nome mais pomposo, pois não entende nada de vinhos, mas queria impressionar.

Ficaram o dia todo assistindo Netflix. Jean conhecia mais as qualidades e alguns dos defeitos de Karen, e isso só o deixava mais interessado nela.

A descoberta era a maior atração que existia entre eles. A leveza de como as coisas se davam tornava tudo mais interessante.

Apesar de sempre racionalizar a vida e as suas atitudes, com Karen era diferente. Ele estava simplesmente curtindo o momento, e o quão boa era sua companhia. Por medo de precipitar julgou melhor agir assim, mesmo que o relacionamento dos dois se mostrava ficar mais sério. Karen havia conhecido Sávio no dia em que ela e Jean se encontraram com ele no bar que foram assistir ao show da banda do primo baixista de Jean. Mesmo ficando apenas em sua mesa até o início do show e tudo ter sido de forma bem casual, conhecer seu melhor amigo já era um grande avanço.

O que realmente incomodava Jean era o pensamento de que pelo tempo já deveria estar sentindo algo mais forte, além do prazer pela companhia. Entretanto pensava estar apenas racionalizando demais

como sempre fazia. Seguindo o conselho de Sávio resolveu desencanar e continuar na “vibe” do momento sem precipitações e atropelos.

Jean e Karen estavam saindo à quase dois meses, naturalmente a convivência aumentou, a intimidade também. Reflexivo como sempre, tinha outras questões para “analisar”. Sentia uma timidez excessiva da parte de Karen. Ele tinha dificuldades em diferir onde isso era parte da personalidade dela e onde poderia ser alguma insegurança pontual.

Tinha também a questão dele estar muito acostumado a rotina de solteiro e de sexo casual. Para Jean era difícil saber até onde era um impasse ou apenas uma divergência ao que estava acostumado, relativo às garotas com as quais se envolvia.

Apesar de já ter “avançado” algumas barreiras, ele não entendia o porquê do sexo ser algo com o qual ela era tão relutante, sendo que eles tinham relativa intimidade e compatibilidade em todos os demais campos. Mas julgava também não ser coerente perguntá-la sobre isso, tinha medo de parecer pressão ou cobrança, quando na verdade era mais uma dúvida.

Jean entendia que com as demais questões tão bem resolvidas e a companhia tão agradável, não seria correto se ater a esse detalhe em específico. Havia inclusive conversado isso com Sávio, que apesar de ser um pouco mais radical, concordava com ele.

O tempo foi passando...

A VISÃO DE KAREN

Karen que tinha apenas 25 passou por muito tempo idealizando o namorado perfeito. Aquele que seria o pai de suas filhas e faria frango com batatas com ela no domingo. Pelo menos era esse o roteiro de vida perfeita escrito por ela.

O que Karen foi descobrindo com o passar do tempo é que ela era uma péssima roteirista e que sua vida estava bem diferente do esperado. Ainda na época de ensino médio conheceu Lucas que havia se formado um ano antes, e depois de ficarem por alguns meses começaram a namorar.

Na visão imatura de Karen, Lucas era seu príncipe da Capricho. Namorado perfeito.

Namoraram por cinco anos e para ela tudo era perfeito. Parecia que o roteiro era digno de um Oscar. Mas ela conheceu nos dois últimos anos do namoro uma garota má chamada rotina. E essa rotina vinha acompanhada de algumas amigas ainda piores: indiferença, desatenção e frieza.

Karen olhava para Lucas e não via mais aquele garoto do colégio. Que empinava a bicicleta para lhe impressionar e roubava flores na casa de Dona Dalva para lhe cortejar. Por algum motivo a simplicidade havia sumido. Dando lugar apenas uma nova realidade, um novo namoro, e um novo namorado. E perdida em meio a tantas novidades Karen começou a perceber que não sabia mais quem era. Chamou Lucas para várias conversas, sem resultados. Para Lucas isso era normal com o passar do tempo, apenas coisa de sua cabeça. Mas não! Karen sabia que tudo estava diferente, que Lucas não era mais o mesmo e que de alguma forma isso estava fazendo com que ela também não fosse mais a mesma. Apesar de amar Lucas, ela sentia que aquela relação era tóxica. As

brigas, as vezes até com palavras ofensivas, foram se tornando cada vez mais comuns. Karen havia perdido a conta de quantas vezes teve de caminhar em inúmeras voltas pela praça para que sua mãe não a vesse chegar em casa chorando.

Foi então que um dia brigaram feio, quando Karen mais uma vez questionou a postura de Lucas, que saiu batendo a porta e falando que não aguentava mais toda aquela pressão e que precisava de um tempo sozinho.

Lucas saiu tão rápido que nem deu tempo de Karen entender o que aquele tempo significava. Ele havia terminado? Pedido um tempo? O que está acontecendo, meu Deus! Pior que toda essa frieza é a indiferença.

E aqueles foram os cinco dias mais longos de sua vida. Os dias que Lucas sumiu sem mandar mensagem. Morria de vontade de ligar e entender a situação, ter notícias. Mas apesar de tudo, Karen era muito orgulhosa, e de alguma forma sentia, ou sabia, que tudo aquilo não era sua culpa. Ela ainda se via como a mesma namorada romântica dos tempos de colégio.

Mas por fim Lucas ligou e combinou de encontrar na praça da cidade. Ainda sem saber exatamente o motivo, Karen sentia o coração acelerar, de alguma forma pressentia que depois de um silêncio de cinco dias coisas boas não viriam.

Chegando na praça, Lucas já estava a sua espera. Se sentou e a cumprimentou secamente, não por indiferença, mas por realmente não saber o que falar.

À medida que Lucas foi falando, Karen ia desabando em lágrimas, era dolorido demais ouvir da boca de Lucas que já havia lhe traído incontáveis vezes. Que sempre que tinha uma discussão mais pesada ele ia para a boate da cidade e acabava conhecendo alguém e se deixando levar pelo momento e situação.

Tudo aquilo era muito duro para Karen, ela sabia que as coisas não iam bem, mas traição era muito desrespeitoso, ainda mais dessa forma vazia e insensível. Tudo que ela queria era se levantar e ir embora, mas parecia que de alguma forma precisava ficar ali e ouvir tudo que Lucas lhe contava. Seu coração apesar da dor precisava saber com quem havia se relacionado por todos aqueles anos. Mas até seu coração tinha um limite, e foi quando se levantou correndo e aos prantos e foi para casa de onde gostaria de não precisar sair nunca mais.

Foram quase duas semanas recusando ligações de Lucas e até de suas amigas.

Karen precisava de um tempo sozinha, não tinha condições e nem vontade de falar com ninguém.

Mas o tempo foi passando e ela descobriu da pior maneira que quando sua avó falava que o tempo é o melhor remédio realmente era verdade, mas não que as cicatrizes não estivessem ali, pois estavam, e ainda muito sensíveis ao toque.

Bruna que sempre foi sua amiga mais próxima um dia lhe disse que Lucas a procurou para que ela intermediasse um encontro, que ele queria terminar a conversa da praça. Lucas dizia estar realmente arrependido e por isso havia lhe contado tudo, pois queria construir uma relação sólida e confiável desta vez.

–Bem o que ele não fez nestes últimos cinco anos! Pensou.

Mas Bruna parecia realmente convencida por Lucas (apesar que ela foi quem os havia apresentado e já eram amigos antes de Karen e Lucas começarem a namorar) e acabou convencendo a amiga a ouvi-lo, afinal conversar não mata ninguém. Dizia.

Conversaram e Lucas com seu tom doce e paciente (como ele era paciente quando queria, pena não querer muito!) Se desculpou com Karen, explicou que foi um babaca. E que queria uma nova chance.

Ele disse não poder voltar no tempo, mas que poderia fazer diferente. Disse ainda estar tomado pelo arrependimento e que o quanto sofreu pela falta de Karen era um indicativo de que ainda a amava e que queria uma nova chance para fazer tudo diferente.

Para Karen, tudo aquilo era muito difícil, mas dentro de seu coração ela sabia que ainda o amava, ou achava que. E resolveu ceder ao seu pedido e lhe dar uma segunda chance.

Sabem como é, sempre voltamos à um relacionamento fracassado na esperança de que desta vez será diferente. Mas...

O primeiro mês, ou melhor as três primeiras semanas foram ótimas. Mas passado o tempo de empolgação tudo voltou como era antes, ou quase. Pois agora as coisas eram um pouco diferentes. Por mais que quisesse Karen não conseguia confiar em Lucas. Cada futebol ou cerveja com os amigos a deixava com a pulga atrás da orelha. E viver assim era muito exaustivo, aliado as brigas de sempre e a falsa promessa de mudança de Lucas só fez com que ela resolvesse voltar a mesma praça, porém dessa vez era ela que queria ser franca e por realmente um ponto final naquela relação.

Karen sabia que ainda amava Lucas, mas si amava mais e precisava ter paz e autoestima. Tudo que aquele relacionamento não mais era capaz de prover.

O tempo passou e Lucas virou passado de fato, mas o estigma daquele relacionamento fez com que Karen tivesse uma extrema dificuldade em confiar novamente nos homens. Karen teve breves relacionamentos, mas nada tão intenso como com Lucas, parecia que ele com suas traições a havia estragado para o mundo. Apesar de ter se acostumado a viver assim ela se sentia de alguma forma quebrada por dentro.

Mas o tempo foi passando e foi em uma manhã de domingo, quando menos esperava. Saindo da padaria viu um rapaz de cabelos

bagunçados e olhar charmoso tomando café com cerveja. De tão inusitado aquilo lhe chamou a atenção, quando se deu conta já estava sentada a mesa conversando como há tempos não se sentia à vontade para fazer com homem algum. Principalmente um desconhecido como Jean.

Trocaram telefone e algumas mensagens nos dias seguintes. Nada de mais, mas para Karen era maravilhoso o fato de que com Jean tudo era leve e orgânico.

Mesmo que rindo de seus argumentos políticos mais voltados para a esquerda, ele ria com bom humor e sem deboche (acredite, isso é bem difícil nos dias de hoje). Fazia até com que ela relevasse o fato dele ser um conservador de direita. Até porque suas habilidades na cozinha compensavam muito. Sua macarronada com molho à bolonhesa era qualquer coisa fora do normal, digno de um finalista do Master Chef.

Com Jean podia discutir política, homofobia, economia ou qualquer assunto. Com ele Karen se sentia especialista de porra nenhuma. E isso era realmente muito bom.

Naturalmente a convivência foi aumentando, ela conheceu Sávio, o amigo palhaço de Jean. Parecia um grande passo, mas tudo se deu de forma tão informal que acabou sendo apenas um passo natural da proximidade.

Ela já se sentia bem íntima de Jean, mas não completamente. Estavam saindo a pouco mais de dois meses, e apesar de várias investidas de Jean ainda não tinham avançado a mais que beijos e abraços picantes. Depois de Lucas, Karen simplesmente precisava de muito tempo para confiar se entregar assim a um homem. Depois de Lucas havia dormido com apenas dois rapazes esses três últimos anos solteira. Ela queria estar confortável para isso com Jean,

realmente queria, mas não sabia ainda como vencer toda essa insegurança.

Se por um lado temia acabar fazendo com que Jean pensasse que fosse algo com ele, por outro ele parecia entender e ser compreensivo. Em meio a tantas dúvidas os dois sabiam que uma relação é mais que sexo, afinal boas séries e massas estão aí para isso. Viagens e vinhos não me deixam mentir.

E assim o tempo foi passando...

À GAROTA QUE MUDOU O MEU MUNDO...

Acordei ainda extasiado com a noite que você me proporcionou, aquela *química* dentro e fora da cama que só se acha duas ou três vezes no máximo na vida.

Aqueles momentos que não se pode deixar passar. Mas inevitavelmente tivemos que nos separar, mas é como se nossas mentes e corpos ainda estivessem conectados, e então eu fecho os olhos e lembro de como nossa noite foi gostosa e intensa.

Você se mostrou bastante habilidosa, desde o toque até o oral (e que oral, começou me chupando lentamente e lambendo minhas bolas me deixando louco) e parecia muito excitada quando fiz em ti, sentia você se contorcer quando eu chupava sua bocetinha levemente e você gemia e pedia que eu continuasse, até que enfim gozou.

Foi quando fui pra cima de ti com fortes investidas(sua cara de safada em um misto de prazer e desejo me motivava ainda mais) até que tomou as rédeas da situação e ficou por cima cavalgando feito louca e me deixando louco também (estou excitado só de lembrar), quando vi que estava perto de gozar te coloquei de quatro e seus gemidos safados me excitavam mais e me incentivavam a ir mais forte e firme (a imagem daquela sua bunda durinha e perfeita ali de quatro pra mim era simplesmente maravilhosa) foi quando gozei e quando achei que iria poder descansar um pouco você agarrou meu pau, me masturbou e começamos tudo novamente, você parecia insaciável e maravilhosa ali na minha frente, não tinha muito o que fazer a não ser desfrutar daquele momento de forma única.

Preciso te ver de novo, parece que o mundo não tem a mesma graça sem você, desculpe se o sexo foi a melhor lembrança que eu tive, mas é que seu sorriso bobo ouvindo minhas bobagens eu quero

guardar, mas fica comigo que eu prometo que não sou só um tarado pervertido, mas repare que eu disse “só”.

Estaria mentindo se dissesse que não desperta esse lado em mim, na verdade você desperta coisas que eu nem sabia que estavam adormecidas, quero que se danem os clichês desde que você esteja comigo.

Eu sei que foi a pior declaração que já se viu, mas foi o mais sincero que pude ser, desculpe não saber expressar os sentimentos que despertam em mim.

PS. Não demore voltar, afinal você nem devia ter ido.